

PERFIL DO ALUNO TRABALHADOR DE CURSOS DE ENGENHARIA DIURNO DE UMA UNIVERSIDADE CONFSSIONAL

Ludmilla Fagundes Cardoso – ludmillafagundesc@gmail.com
Universidade Presbiteriana Mackenzie, Escola de Engenharia
R. da Consolação, 930. Prédio 6.
01302-907 – São Paulo – São Paulo

Raquel Cymrot – raquel.cymrot@mackenzie.br
Universidade Presbiteriana Mackenzie, Escola de Engenharia
R. da Consolação, 930. Prédio 6.
01302-907 – São Paulo – São Paulo

Resumo: A crise econômica pela qual o Brasil está passando tornou necessário a muitos estudantes universitários, matriculados em cursos diurnos, contribuírem com a renda familiar. Esta dupla jornada faz com que, muitas vezes, a vida acadêmica do aluno seja prejudicada, em especial alunos do curso de Engenharia diurno. Porém a necessidade de ganho financeiro não é a única razão que leva tal aluno a entrar precocemente no mercado. O objetivo desta pesquisa foi identificar o perfil do aluno trabalhador de um curso de Engenharia diurno. A pesquisa foi realizada por meio de três questionários aplicados a cada um dos grupos: aluno que nunca trabalhou durante o curso; aluno que já trabalhou durante o curso, mas não exerce mais atividade laboral; e aluno trabalhador. Visou-se identificar o que difere o aluno trabalhador dos demais. A amostra foi constituída por 365 alunos matriculados nos cursos de Engenharia no período diurno de uma universidade confessional, no ano de 2019. Após a consolidação dos dados e realização da análise descritiva, alguns testes indicaram relações de dependência da variável grupo com outras variáveis e diferença de médias nos três grupos analisados. Entre as conclusões, destacam-se que a maioria dos alunos trabalhadores exercem atividade informal ou já foi efetivado no trabalho e que os motivos mais apontados de ingressar no mercado de trabalho precocemente foram a busca por independência e para adquirir experiência para o currículo. Comparando-se os três grupos, os alunos trabalhadores consideraram mais sua saúde mental e sono como ruim ou péssimo.

Palavras-chave: Universitários. Aluno trabalhador. Período diurno.

1 INTRODUÇÃO

No início do século XXI o Brasil apresentava algumas peculiaridades quando se tratava do ensino superior. Como havia grande concorrência pelas vagas públicas no ensino superior, alunos que tiveram menos oportunidades de aprendizagem muitas vezes acabaram por ingressar em instituições privadas. Entretanto manter-se no curso superior podia ser difícil devido à falta de recursos financeiros. A alta taxa de desistência era um problema persistente tanto para instituições públicas quanto privadas (UNGLAUB, 2003).

Tanto o programa do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), instituído em 2001, quanto o Programa Universidade para Todos (PROUNI) de 2004, são programas destinados a estudantes oriundos das classes sociais mais baixas, uma vez que o PROUNI oferece suas bolsas



a alunos com renda familiar per capita de até três salários mínimos e o FIES oferece taxa real zero de juros para estudantes nesta mesma condição (BRASIL, 2015; BRASIL, 2018).

Estes programas, entre outros que surgiram, permitem o ingresso de alunos que antes estavam impossibilitados de cursar o ensino superior e oferecem bolsas para cursos diurnos, vespertinos e integrais.

Santos e Gimenez (2015) ressaltam que com a estagnação econômica que ocorreu em 2015, houve diminuição na arrecadação pública e conseqüente diminuição de verbas para programas sociais e de educação. Em contrapartida, a perda de empregos e a piora da renda familiar têm por conseqüência o aumento do número de jovens brasileiros que precisam trabalhar.

Segundo Pereira et al. (2016), o aluno trabalhador, com sua rotina de dupla jornada, possui pouco tempo disponibilizado para estudar, descansar e até mesmo dormir, além de ter, em geral, uma má alimentação. Tal situação acaba por interferir na sua vida acadêmica, laboral e até mesmo familiar, levando muitas vezes a um fraco desempenho no seu curso superior e no seu trabalho, podendo inclusive levar a problemas de ordem física e emocional.

Um primeiro passo para poder reduzir os problemas enfrentados por tais alunos é a identificação de seu perfil, analisando seus problemas, dúvidas e anseios. Com o perfil traçado, a instituição pode auxiliá-los em sua dupla jornada ou apresentar a eles outras oportunidades para satisfazerem suas necessidades, gerando um melhor aproveitamento da vida acadêmica.

Ao pesquisarem alunos evadidos de um curso de matemática da Universidade Estadual de Maringá, Ferreira e Barros (2018) obtiveram relatos de que trabalhar e ao mesmo tempo fazer um curso que requer muita dedicação é uma dupla jornada muito árdua, podendo levar ao abandono do curso. Assim como o curso de matemática, o curso de Engenharia necessita de grande dedicação às atividades acadêmicas.

Tosta (2017) divide os alunos universitários em dois grupos: os que trabalham e os que se dedicam integralmente aos estudos, apontando que há diferenças entre tais grupos. A autora ainda ressalta que, na pesquisa por ela realizada, as mulheres tiveram uma jornada média em afazeres domésticos mais que o dobro quando comparada com a jornada média dos homens em tais atividades.

Pesquisa de Pereira et al. (2016) concluiu que ao tentar conciliar a vida acadêmica com a vida laboral, alunos trabalhadores do período noturno comprometem sua qualidade de vida e necessitam de estratégias que promovam seu bem-estar, tanto por parte das instituições de ensino que os recebem quanto das empresas nas quais trabalham.

Segundo Unglaub (2003), pesquisa realizada com estudantes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) concluiu que há indicações de que o aluno que trabalha e tem pouco tempo para seus estudos aprende a utilizar melhor o seu tempo disponível, estabelecendo melhor a prioridade do que precisa ser feito. O autor ainda destaca ser o aluno trabalhador, em geral, mais maduro, mais esforçado e mais dedicado.

Os cursos de Engenharia diurnos, nos quais foi feita esta pesquisa, oferecem aulas no período diurno apenas até a sexta etapa, sendo o curso noturno a partir da sétima etapa. A presente pesquisa contribui para se identificar o quanto os alunos matriculados nos cursos de Engenharia no período diurno têm por motivação a aproximação entre os mundos acadêmicos e de trabalho, conforme recomendação da Conferência Mundial do Ensino Superior (1999), quando procuram se inserir no mercado de trabalho antes da sétima etapa.

Na presente pesquisa será considerado aluno trabalhador aquele aluno que está inserido no mercado de trabalho informal ou formal, seja efetivado ou estagiando.

Considerando as informações obtidas, indaga-se: Considerando a complexidade de um curso de Engenharia e a importância dos estudos diários, surge a questão: Qual o perfil do aluno trabalhador de um curso de Engenharia diurno?



O objetivo geral desta pesquisa foi identificar o perfil do aluno trabalhador de um curso de Engenharia diurno. Os objetivos específicos foram: estimar o número médio de horas diárias que o aluno trabalhador gasta nos seus deslocamentos e na atividade laboral; estimar a proporção de alunos que estão inseridos no mercado de trabalho e dos que já estão efetivados; identificar a etapa em que se inseriram no mercado de trabalho; estimar a proporção dos alunos trabalhadores que já na época do vestibular pretendiam trabalhar nas etapas iniciais do curso; identificar os motivos que levaram alunos a entrar precocemente no mercado de trabalho; identificar as percepções dos alunos trabalhadores quanto às influências positivas e negativas que o trabalho traz para seu desempenho acadêmico e identificar as percepções dos alunos trabalhadores quanto à sua saúde física, mental, alimentação e sono.

2 METODOLOGIA

Segundo Mattar (2014) uma mesma pesquisa pode ter mais de uma classificação simultaneamente. A presente pesquisa pode ser classificada como quantitativa, sendo exploratória e descritiva.

A revisão da literatura realizada foi o ponto de partida para a construção de três questionários que foram aplicados aos alunos dos cursos de Engenharia de uma universidade confessional, matriculados no período diurno, dependendo dos alunos pertencerem a cada um destes três grupos: serem alunos trabalhadores; já terem sido alunos trabalhadores, mas atualmente não mais trabalhem; e nunca terem sido alunos trabalhadores.

Após a elaboração dos questionários, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da instituição para sua avaliação. Somente após sua aprovação, a pesquisa de campo foi realizada com a aplicação dos questionários nas salas de aula.

Os três tipos de questionários foram impressos em papéis de cores diferentes, de modo a facilitar sua aplicação. Os alunos foram convidados a participar da pesquisa anônima, da qual poderiam recusar-se a participar sem nenhum prejuízo. Para tanto se adotou um protocolo no qual, em cada classe, todos os questionários devolvidos deveriam ser colocados pelos alunos em um único envelope de maneira aleatória, sendo os Termos de Consentimento Livres e Esclarecidos assinados recolhidos separadamente.

Após a consolidação do banco de dados, foi realizada uma análise descritiva dos dados.

Sempre que respeitadas as suposições para sua utilização, para testar a independência entre pares de variáveis foi realizado o teste Qui-Quadrado. Quando não era possível sua realização, categorias foram agrupadas e se necessário, para variáveis com dois níveis cada, foi usado o teste não paramétrico Exato de Fisher (SIEGEL; CASTELLAN JR., 2008).

Para comparação de diferença de médias em dois grupos foi utilizado o teste t-de-Student, antes sendo verificado se as variâncias eram iguais. Para optar pelo teste de igualdade de variâncias mais adequado, testou-se a aderência das variáveis em cada grupo à distribuição Normal (MONTGOMERY; RUNGER, 2018).

Para comparação de médias da mesma variável em três ou mais grupos, devido ao pequeno tamanho de alguns grupos e à não aderência das variáveis em cada grupo à distribuição Normal, foi realizada a análise de variância não-paramétrica de Kruskal-Wallis. Quando os dados eram de amostras correspondentes, a comparação das três ou mais médias foi realizada utilizando-se o teste de Friedman (MONTGOMERY; RUNGER, 2018, SIEGEL; CASTELLAN JR., 2008).

Todos os intervalos de confiança (I.C.) foram calculados adotando-se uma confiança igual a 95% e para todos os testes de hipótese foram adotados níveis de significância de 5%, sendo assim rejeitadas as hipóteses com níveis descritivos (valores-p) inferiores a 0,05.



As análises estatísticas foram realizadas utilizando-se os programas Microsoft Excel® e o Minitab® Statistical Software v. 18.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada durante os meses de maio e junho de 2019, sendo pesquisados alunos da 1ª à 6ª etapa dos cursos de Engenharia do período diurno. A amostragem foi por acessibilidade, porém as turmas pesquisadas foram sorteadas de modo estratificado, levando-se em conta o curso e o período (matutino e vespertino).

Os questionários foram aplicados durante o horário de aula. Alunos menores de 18 anos e alunos que cursavam a maior parte das disciplinas no período noturno foram orientados a não responder a pesquisa. Quando em sala, os alunos foram convidados a participar da pesquisa, sendo esclarecido o anonimato e a não obrigatoriedade de participação da mesma, tendo sido assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

Usando como variáveis de estratificação o curso (Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e Engenharia de Produção) e a variável período (vespertino para a 1ª, 2ª e 3ª etapa do curso e matutino para a 4ª, 5ª e 6ª etapa do curso) foram sorteadas 13 turmas, aproximadamente um terço das turmas existentes, para que fossem aplicados os questionários. Nestas turmas cerca de 70% dos alunos responderam ao questionário, resultando que pouco menos de 25% dos alunos do curso de Engenharia diurno, com no mínimo 18 anos, participaram da pesquisa.

Foi coletada uma amostra de 365 pesquisados da qual 38 (10,41%) eram alunos que já trabalharam, 281 (76,99%) alunos que nunca trabalharam e 46 (12,60%) alunos trabalhadores. Destes 51,23% estudavam no período matutino, 76,16% eram do sexo masculino, a idade variou de 18 a 35 anos com média igual a 20,1 anos.

A renda domiciliar mensal indicada na amostra, em salário mínimo (s.m.) vigente na época da pesquisa, foi igual a até 3 s.m., mais de 3 até 5 s.m., mais de 5 até 10 s.m., mais de 10 até 15 s.m., mais de 15 até 20 s.m. e mais de 20 s.m. para respectivamente 9,32%, 6,30%, 14,25%, 10,96%, 7,95% e 18,90% da amostra. Ressalta-se que 32,33% dos pesquisados não sabiam a renda domiciliar ou não quiseram responder a esta questão.

Tem-se também que 14,79% dos respondentes eram beneficiários de programas do Governo Federal de acesso ao ensino superior privado, sendo que entre os bolsistas 86,73% tinham bolsa parcial PROUNI, 9,43% bolsa integral PROUNI e 3,77% bolsa FIES. Também 9,59% eram beneficiados de programas universitários da instituição de ensino, sendo que entre os bolsistas 8,82% tinham bolsa do PRAVALER, 8,82% do Bradesco, 41,18% bolsa Filantrópica e 41,18% outras bolsas.

Quanto à moradia, 83,56% apontaram morar com mãe, pai, tios, avós, 3,84% só com irmãos, primos, 8,22% sozinhos, 0,55% com cônjuge/companheiro(a) e 3,84% com amigos. Apenas 69,04% (I.C. = [64,30; 73,78] %) dos pesquisados indicaram ter conhecimento sobre bolsas oferecidas, como as de monitoria, de projetos de iniciação científica ou de outros projetos de pesquisa e extensão da universidade e 5,75% já tiveram este tipo de bolsa. Também apenas 77,81% (I.C. = [73,55; 82,07] %) dos respondentes apontaram ter conhecimento sobre a Empresa Júnior de Engenharia sendo que 4,93% pertencem ou já pertenceram a seus quadros.

Os pesquisados apontaram que na época do vestibular, 60,55% não pretendiam se tornar um aluno trabalhador antes da sétima etapa, 5,21% pretendiam e 34,25% não tinham pensado no assunto.

Quanto ao número semanal médio de horas que o aluno se dedica para os estudos fora da faculdade quando não está em época de provas, a média semanal encontrada foi de 8,3 h (I.C. = [7,3; 9,2] h). Já em época de provas a média semanal foi de 18,5 h (I.C. = [16,9; 20,1] h).

Ao serem perguntados o quão frequente pensavam em desistir do curso de Engenharia, 45,48% responderam que nunca, 31,23% poucas vezes, 14,52% às vezes, 6,30% muitas vezes e 2,47% sempre.

Sobre qualidade de vida hoje, a autoavaliação da saúde física foi 1,37% péssima, 9,32% ruim, 22,47% regular, 43,56% boa e 23,29% ótima. A autoavaliação da saúde mental foi 2,74% péssima, 15,34% ruim, 23,01% regular, 38,90% boa e 20,00% ótima. Já a alimentação foi autoavaliada 5,21% como péssima, 13,15% como ruim, 31,23% como regular, 36,44% como boa e 13,97% como ótima. Por último, a autoavaliação quanto ao sono foi 10,14% péssima, 20,82% ruim, 32,05% regular, 28,22% boa e 8,77% ótima.

3.1 Análise do questionário para o aluno trabalhador

Na presente pesquisa foi coletada uma amostra de 46 alunos trabalhadores, na qual 45,65% exercem atividade informal, 41,30% estão estagiando e 13,04% já estão efetivos. Também 26,09% dos pesquisados indicaram que ingressaram no mercado de trabalho na 1ª etapa, 13,04% na 2ª etapa, 15,22% na 3ª etapa, 21,74% na 4ª etapa, 19,57% na 5ª etapa e apenas 4,35% na 6ª etapa. Ressalta-se que 41,31% ingressaram no mercado de trabalho durante o segundo ano do curso (3ª etapa e 4ª etapa).

Teve-se que 89,13% (I.C. = [76,43; 96,64] %) dos alunos trabalhadores indicaram que depois de ingressar no mercado de trabalho, seu objetivo principal continuou sendo o curso. Os alunos trabalhadores gastam em média 5,8 h (I.C. = [5,3; 6,2] h) no trabalho e 1,5 h (I.C. = [1,2; 1,8] h) no deslocamento até o trabalho. Utilizando o Teste de Kruskal-Wallis foi constatado que dentre os alunos trabalhadores, não havia diferença no número médio de horas gastas na atividade laboral em função do tipo de vínculo da atividade exercida: informal, estágio ou empregado efetivo ($p = 0,124$). A porcentagem de alunos que passam mais de 6 horas no trabalho foi igual a 13,04% (I.C. = [4,94; 26,26] %).

Ressalta-se que a lei que regulamenta o estágio (BRASIL, 2008) exige um tempo máximo de trabalho diário de 6h. Este valor foi arbitrado de modo a minimizar os efeitos prejudiciais da atividade laboral na vida do aluno trabalhador. Entretanto nesta amostra, um dentre os 19 estagiários apontou ter uma atividade no estágio de em média 7 horas diárias e 13% dos alunos exercem carga laboral superior a 6 horas. Embora os alunos pesquisados estejam no máximo na 6ª etapa do curso, ainda longe de sua conclusão, 58,70% (I.C. = [43,23; 73,00] %) dos alunos exercem atividades no mercado que não a de estagiário, não havendo assim regulação para carga horária máxima de trabalho.

Quando questionados se na época do vestibular, pretendiam se tornar um aluno trabalhador antes da sétima etapa, 21,74% indicaram que não, 56,52% indicaram que sim e 21,74% disseram que não pensavam neste assunto.

A hipótese de que a frequência média com que os alunos trabalhadores pensavam em desistir do curso de Engenharia era no máximo pouco ($H_0: \mu \leq 2$) não foi rejeitada ($p = 0,222$), o que condiz com a afirmação de Costa (2014) de que a educação é fator determinante para a formação com respeito ao mercado de trabalho, havendo pressão constante para que os jovens sigam estudando de modo a melhorar sua qualificação.

Os motivos de ingressar no mercado de trabalho precocemente foram: 69,57% por independência, 69,57% para adquirir experiência para o currículo, 36,96% para ajudar na renda familiar; 26,09% para se manter no curso 23,91% a ascensão social, 10,87% por pressão social e 6,82% alegaram outros motivos.

Ao avaliar o quanto o seu rendimento acadêmico era prejudicado por causa da dupla jornada a resposta foi 6,52%, 13,04%, 41,30%, 28,26% e 10,87% respectivamente para nada, pouco, moderadamente, muito e totalmente. Já a avaliação da influência positiva do trabalho o seu desempenho acadêmico foi 19,57%, 17,39%, 36,96%, 17,39% e 8,70% respectivamente para nada, pouco, moderadamente, muito e totalmente.

Ao se atribuir uma escala de 1 a 5 correspondentes as respostas “nada” até “totalmente”, o prejuízo médio no rendimento acadêmico por causa da dupla jornada foi igual a 3,2 (I.C. = [2,9; 3,5]) considerado superior a 2. Por sua vez a influência média positiva no desempenho acadêmico devido à atividade laboral foi igual a 2,8 (I.C. = [2,4; 3,1]) considerado superior a 2. Concluiu-se então que o rendimento acadêmico foi influenciado tanto para mais ($p = 0,000$) quanto para menos ($p = 0,000$) pela situação do aluno ser trabalhador. Ao se analisar as diferenças individuais das influências negativas e positivas de o aluno estar trabalhando concluiu-se que, em média, o fato de estar trabalhando, mais atrapalha do que ajuda o rendimento acadêmico ($p = 0,036$).

Ao assinalar as influências positivas que o trabalho trazia para seu desempenho acadêmico, 63,04% indicaram o aprimoramento de suas habilidades que dizem respeito às relações pessoais, 63,04% que possibilitava conhecer diversas áreas de atuação da profissão, descobrir interesses, orientar escolhas dentro do curso e de projeto profissional, 43,48% que fazia o paralelo entre o conhecimento do que se aprende na faculdade com o conhecimento da prática, o que melhora seu desempenho acadêmico e 13,04% haver outras influências positivas.

Quanto às influências negativas que o trabalho trazia para seu desempenho acadêmico, 65,22% indicaram que devido à dupla jornada, tinham dificuldades em gerenciar seu tempo para os estudos, causando a diminuição do desempenho acadêmico, 50% que tinham dificuldades em manter-se interessados nas aulas por causa do cansaço devido à dupla jornada, 30,43% passaram a ter mais faltas na faculdade, 47,83% passaram a chegar mais atrasado nas aulas, 23,91% sentiam que houve uma diminuição de seu interesse nas aulas e nos assuntos que diziam respeito à faculdade e 6,52% indicaram haver outras influências negativas.

A pesquisa indicou as porcentagens dos alunos trabalhadores que ao chegar ao trabalho se sentiam: 67,39% cansados, 39,13% felizes, 21,74% com problemas de sono, 15,22% tensos e agitados, 10,87% com dores de cabeça e 10,87% desinteressados. Já as porcentagens de como os alunos trabalhadores se sentiam ao chegar à universidade foram: 56,52% cansados, 28,26% felizes, 26,09% com problemas de sono, 19,57% desinteressados 13,04% tensos e agitados e 8,70% com dores de cabeça. Baseado em testes para proporção não se rejeitou a hipótese de que no mínimo 50% dos alunos estavam chegando ao trabalho cansados ($p = 0,994$) e no mínimo 50% estavam chegando ao trabalho felizes ($p = 0,092$). Também não se rejeitou a hipótese de que no mínimo 50% dos alunos estavam chegando à universidade cansados ($p = 0,849$).

Sobre qualidade de vida hoje, a autoavaliação da saúde física foi: 2,17% péssima, 10,87% ruim, 32,61% regular, 34,78% boa e 19,57% ótima. A autoavaliação da saúde mental foi 6,52% péssima, 23,91% ruim, 30,43% regular, 30,43% boa e 8,70% ótima. Já a alimentação foi autoavaliada 8,70% como péssima, 21,74% como ruim, 28,26% como regular, 26,09% como boa e 15,22% como ótima. Por último, a autoavaliação quanto ao sono foi 9,57% péssima, 30,43% ruim, 34,78% regular, 10,87% boa e 4,35% ótima.

Para os alunos trabalhadores, não se rejeitou a hipótese de que a média de seu estado de saúde mental, sua alimentação e seu sono era no máximo regular (valores-p respectivamente iguais a 0,249, 0,165 e 0,999) e somente a saúde física foi avaliada em média como acima de regular ($p = 0,000$). Utilizando-se uma escala de 1 a 5 para as classificações das avaliações, o

teste de Friedman confirmou tal resultado indicando que as avaliações médias diferiram ($p = 0,000$) tendo a saúde física e o sono obtido respectivamente a melhor e a pior classificação.

Essas constatações estão de acordo com os resultados apresentados por Pereira et al. (2016) de que o aluno trabalhador, com sua rotina de dupla jornada, possui pouco tempo disponibilizado para estudar, descansar e até mesmo dormir, além de ter, em geral, uma má alimentação, levando tal situação a interferir na sua vida acadêmica, laboral e até mesmo familiar.

3.2 Comparação do aluno trabalhador com os demais alunos

Utilizando o Teste de Kruskal-Wallis foi constatado que idade média foi maior no grupo de alunos trabalhadores (21,4 anos) ($p = 0,000$).

Os testes de independência indicaram que o aluno que é trabalhador, proporcionalmente, foi mais beneficiado de programas do Governo Federal de acesso ao ensino superior privado ($p = 0,015$) e pertenceu com maior frequência à Empresa Júnior de Engenharia ($p = 0,000$), considera mais sua saúde mental ruim ou péssima ($p = 0,046$) e seu sono ruim ou péssimo ($p = 0,003$).

O teste de Kruskal-Wallis para diferença de médias nos grupos para a avaliação da saúde mental hoje (em uma escala de 1 a 5) concluiu que a média foi menor no grupo de alunos trabalhadores (3,109, pouco acima de regular) ($p = 0,001$). Na média da avaliação da qualidade do sono nos dias de hoje a média também foi menor no grupo de alunos trabalhadores (2,500, entre ruim e regular) ($p = 0,000$).

As diferenças detectadas quanto à avaliação da saúde mental e da qualidade do sono estão alinhadas com o discurso de Pereira et al. (2016) que, após pesquisa realizada com alunos trabalhadores do período noturno, concluiu que ao tentar conciliar a vida acadêmica com a vida laboral os alunos comprometem sua qualidade de vida. Pode-se concluir que, assim como os alunos do período noturno que são trabalhadores, os alunos do período diurno dos cursos de Engenharia desta instituição que são trabalhadores também comprometem sua qualidade de vida ao tentar conciliar sua dupla jornada.

Ainda utilizando-se o teste de Kruskal-Wallis concluiu-se que o tempo semanal médio de estudo em época normal e de provas foram menores no grupo de alunos trabalhadores, respectivamente iguais a 4,6 horas ($p = 0,001$) e 14,2 horas ($p = 0,028$). Tais resultados estão de acordo com Pereira et al. (2016), que afirma que o aluno trabalhador, com sua rotina de dupla jornada, possui pouco tempo disponibilizado para estudar.

Ao avaliar quão frequente o aluno pensava em desistir do curso, em uma escala de 1 a 5 e utilizando-se o teste de Kruskal-Wallis, as frequências médias foram consideradas iguais nos três grupos, estando em torno de 2, o equivalente a poucas vezes ($p = 0,052$).

O aluno trabalhador apontou mais do que o aluno que já trabalhou, mas não trabalha mais, como influência positiva que o trabalho trouxe para seu desempenho acadêmico a possibilidade de conhecer diversas áreas de atuação da profissão, descobrir interesses, orientar escolhas dentro do curso e de projeto profissional ($p = 0,009$).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu identificar algumas características relevantes, tanto dos alunos que cursam Engenharia no período diurno desta universidade, quanto, em particular, dos alunos trabalhadores.

Embora seja um curso diurno que passa a ser noturno a partir da 7ª etapa, 12,6% dos alunos estavam trabalhando, enquanto 10,4% já haviam trabalhado durante o curso. A pesquisa também indicou que dentre os alunos trabalhadores, 21,7% já pretendiam, na época do vestibular se tornar alunos trabalhadores.

Entre os alunos trabalhadores a maioria exerce atividade informal ou já foi efetivado no trabalho, sendo que 41,3% ingressaram no mercado de trabalho durante o segundo ano do curso e 13,0% passavam mais de 6 horas em seu trabalho. Ressalta-se que o fato de grande parte dos alunos trabalhadores serem trabalhadores informais ou efetivados os deixa fora da proteção da lei que regulamenta o estágio.

Um dado positivo foi que quase 90% dos alunos trabalhadores indicaram que depois de ingressar no mercado de trabalho, seu objetivo principal continuou sendo seu curso e que os alunos trabalhadores não diferem dos demais quanto a pensarem em desistir do curso de Engenharia, ressaltando-se que considerando todos os alunos pesquisados mais de 75% apontaram como frequência com que pensam em desistir do curso nunca ou poucas vezes.

Os motivos mais apontados para ingressar no mercado de trabalho precocemente foram a busca por independência e para adquirir experiência para o currículo. Somente pouco mais de um terço dos pesquisados apontou como motivo ajudar a renda familiar.

As maiores influências positivas do trabalho no desempenho acadêmico foram o aprimoramento de suas habilidades que dizem respeito às relações pessoais e à possibilidade de conhecer diversas áreas de atuação da profissão, descobrir interesses, orientar escolhas dentro do curso e de projeto profissional. Já as negativas foram que devido à dupla jornada, tinham dificuldades em gerenciar seu tempo para os estudos, causando a diminuição do desempenho acadêmico e dificuldades em manter-se interessados nas aulas por causa do cansaço devido à dupla jornada.

A pesquisa indicou que a maioria dos alunos trabalhadores chega ao trabalho cansada e que quase 40% dos alunos trabalhadores indicaram chegar ao trabalho felizes.

Os alunos trabalhadores avaliaram a média de seu estado de saúde mental, sua alimentação e seu sono no máximo como regular e somente a saúde física foi avaliada em média como acima de regular. Tanto a avaliação da saúde mental quanto do sono, realizadas pelos alunos trabalhadores, foram piores quando comparado com as avaliações feitas pelos demais alunos. Também os testes indicaram que os alunos trabalhadores estudam semanalmente em média menos que os demais alunos.

O tema abordado nesta pesquisa ainda precisa ser mais explorado. Esta pesquisa forneceu alguns dados relevantes, porém sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas, inclusive comparando-se o perfil do aluno trabalhador noturno e diurno.

Como limitação da pesquisa, tem-se que um tamanho de amostra maior levaria a um maior poder dos testes realizados, podendo ter havido a não detecção de alguma variável com comportamento diferente nos três grupos analisados, em especial no grupo do aluno trabalhador.

Espera-se, entretanto, que os resultados obtidos nesta pesquisa, possam levar as instituições de ensino a sugerir ações que beneficiem tanto seus alunos como as próprias instituições.

A identificação de motivos que levam os alunos do curso diurno a serem alunos trabalhadores pode auxiliar as instituições de ensino a inovarem na forma de se relacionar com seus alunos, seja orientando sobre o momento mais adequado de ingressar no mercado de trabalho ou orientando sobre atividades disponibilizadas. Ressalta-se que a dupla jornada pode vir a comprometer uma melhor formação acadêmica do aluno, levando muitas vezes a sua reprovação e até mesmo a sua evasão do curso. A permanência do aluno e seu melhor aproveitamento do curso trazem benefícios tanto para o aluno como para a universidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso Nacional. **Legislação Federal - Estágio - Lei 11788**, Brasília, 2008. Disponível em:

<https://portal.tcu.gov.br/lumis/portal/file//fileDownload.jsp?fileId=8A8182A24C966AE7014C9E60DB2D133E>. Acesso em: 28 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo de Financiamento Estudantil. **O que é o FIES**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://sisfiesportal.mec.gov.br/?pagina=fies>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Universidade para Todos - Manual de orientação ao bolsista**, Brasília, 2015. Disponível em: http://prouniportal.mec.gov.br/images/pdf/manual_bolsista_prouni.pdf. Acesso em: 20 mar. 2018.

CONFERÊNCIA MUNDIAL DO ENSINO SUPERIOR (1998 Paris) **Tendências da educação superior para o século XXI**. Brasília: UNESCO, 1999.

COSTA, F. S. O Prouni e seus egressos: uma articulação entre educação, trabalho e juventude. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v. 5, n. 14, p. 144-156, 2014. Disponível em: <http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/474/440>. Acesso em 20 mar. 2018.

FERREIRA, L.; BARROS, P. M. O. Uma análise do discurso do aluno trabalhador acerca de sua evasão: caso específico do curso de matemática da UEM. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 34, p. 1- 26, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v34/1982-6621-edur-34-e171043.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: Metodologia, planejamento, execução e análise**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

MONTGOMERY, D. C.; RUNGER, G. C. **Estatística Aplicada e Probabilidade para Engenheiros**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

PEREIRA, M. S. *et al.* A relação entre as condições de trabalho e saúde dos estudantes trabalhadores. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 9, n. 3, p. 525-535, set./dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/5573/2920>. Acesso em: 20 mar. 2018.

SANTOS, A. L.; GIMENEZ, D. M. Inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Estudos Avançados**, v. 29, n. 85, 2015. Disponível em:



http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142015000300011&lng=en&tlng=en. Acesso em: 22 mar. 2018.

SIEGEL, S.; CASTELLAN JR., N. J. **Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento**. Métodos de Pesquisa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006, reimpressão 2008.

TOSTA, T. L. A participação de estudantes universitários no trabalho produtivo e reprodutivo. **Caderno de Pesquisa**, v. 47, n. 165, p. 896-910, jul./set. 2-17. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n165/1980-5314-cp-47-165-00896.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2017.

UNGLAUB, E. **Diligência de estudantes de graduação de tempo integral e tempo parcial**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253627>. Acesso em: 24 mar. 2018.

PROFILE OF THE WORKING STUDENT OF DAYTIME ENGINEERING COURSES AT A CONFESSIONAL UNIVERSITY

Abstract: *The economic crisis that Brazil is going through has made it necessary for many university students, enrolled in day courses, to contribute to family income. This double journey often impairs the student's academic life, especially students in the daytime engineering course. But the need for financial gain is not the only reason that leads students to enter the market early. The aim of this research was to identify the profile of the working student of a daytime Engineering course. The research was conducted through three questionnaires applied to each of the groups: student who never worked during the course; student who already worked during the course, but no longer works; and student worker. It aimed to identify what differs the student worker from the others. The sample consisted of 365 students enrolled in daytime engineering courses at a confessional university, in 2019. After data consolidation and descriptive analysis, some tests indicated relationships of dependence of the variable group with other variables and difference in the three groups averages analyzed. Among the conclusions, it was highlight that the majority of student workers engage in informal activity or are already effective, and that the most mentioned reasons for entering the labor market early were the search for independence and to gain experience for the curriculum. Comparing the three groups, the student workers considered more their mental health and sleep bad or terrible.*

Keywords: *University. Student worker. Daytime.*